

Além das fronteiras: a busca, a fuga e o entre-lugar na literatura moçambicana

Beyond the borders: the pursuit, the escape and the in-between in the Mozambican literature

Mariana Aparecida de CARVALHO¹

Nícolás Totti LEITE²

Resumo: Ao abordarem sujeitos que têm as suas vidas devastadas pela guerra, os romances *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, e *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, misturam-se à própria história de Moçambique. Temas como a perda, a busca e a fuga se entrelaçam nas narrativas por meio da representação de sujeitos desterritorializados, já que são obrigados, pelos conflitos, a ultrapassarem não só as fronteiras geográficas, mas as morais e psicológicas. O objetivo deste artigo é analisar como esses temas dialogam nas obras, bem como investigar a representação de sujeitos que se situam no entre-lugar. Para tanto, nos baseamos nos postulados de Homi K. Bhabha, estudioso em quem buscamos os conceitos de espaço intersticial e de entre-lugar, e de Franz Fanon, em quem encontramos formulações acerca da alienação/assimilação. No presente trabalho, apropriamo-nos de conceitos filosóficos que há muito vem sendo empregados em outros campos do saber, como antropologia e geografia, e ora empregamos nos estudos literários, em diálogo com as formulações de Edward Said, em “Reflexões sobre o exílio”.

Palavras-chave: entre-lugar; literatura moçambicana; fronteiras;

Abstract: When subjects that had their lives devastated for war are discussed, the books *Terra sonâmbula*, by Mia Couto, and *O alegre canto da perdiz*, by Paulina Chiziane mixed with Mozambique’s history. Themes such as loss, the pursuit and the escape are intertwined in these narratives through deterritorialized subjects, as they are forced by the conflicts overcome not only geographical borders, but the moral and psychological. The aim of this article is to analyze how this topics dialogue in the books, as well as investigate the representation of subjects who are in-between space. For this, we rely on Homi K. Bhabha’s postulates, scholar who we seek the concepts of interstitial space and in-between place and Franz Fanon, whom we find formulations about alienation/assimilation. In this study, we use philosophical concepts that have long been used in other fields of knowledge, such as anthropology and geography, and now employ in literary studies, in dialogue with Edward Said formulations, in "Reflections on Exile”.

Keywords: In-between-space; Mozambican literature; borders;

¹ Doutoranda em Literatura Comparada / Literatura, História e Cultura. Universidade Federal Fluminense (UFF) Campus Universitário do Gragoatá, Niterói, RJ. maricarva14@hotmail.com.

² Mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura / Literatura e Memória Cultural (UFSJ/São João del-Rei). Professor em União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo (UNIESP/Ribeirão Preto-SP). nicolastottileite@yahoo.com.br.

A experiência da guerra é um tema presente em narrativas moçambicanas que exploram, de maneira poética, os traumas da memória coletiva e individual. Ao incorporarem a experiência da guerra pelo crivo da subjetividade dos personagens, as obras exploram experiências traumáticas e dilacerantes. Temas como a perda, a busca e a fuga se entrelaçam nas narrativas por meio da representação de sujeitos desterritorializados, já que são obrigados, pelos conflitos, a ultrapassarem não só as fronteiras geográficas, mas as morais e psicológicas. Ao abordarem sujeitos que têm as suas vidas devastadas pela guerra, os romances *Terra sonâmbula* (2007), de Mia Couto, e *O alegre canto da perdiz* (2008), de Paulina Chiziane, misturam-se à própria história de Moçambique.

São explorados, nessas narrativas, sujeitos que perambulam por uma realidade angustiante, em que se misturam elementos míticos ao duro cenário da guerra, seja a colonial ou a civil. Nesses romances, os personagens caminham por uma terra que sofre as consequências das disputas, confundindo-se com o cenário de uma terra devastada. A guerra não só instaura, nos sujeitos, o desejo de ultrapassarem as fronteiras geográficas, mas os obriga a desempenharem papéis controversos durante o confronto. Por não conseguirem se enquadrar no lugar em que se encontram, os personagens deslocam-se o tempo todo, ultrapassando fronteiras geográficas e morais, situando num entre-lugar.

Inocência Mata, em “A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência?” (2008), ressalta que apenas por vias literárias determinados anseios e pensamentos poderiam ser evidenciados, se tomarmos como exemplo os países africanos de colonização portuguesa. De acordo com a estudiosa, “o autor psicografa os anseios e demônios de sua época, dando voz àqueles que se colocam, ou são colocados, à margem da ‘voz oficial’: daí poder pensar-se que o indizível de uma época só encontra lugar na literatura” (MATA, 2008, p. 20).

Em *Terra Sonâmbula*, Mia Couto retrata diversos personagens que, apesar de estarem em tempos e espaços distintos, são vítimas da guerra civil. O romance aborda o menino Muidinga e o velho Tuahir, que caminham por uma terra permeada de morte e encontram nela um caderno ao lado de um cadáver: são os diários de Kindzu. Entre os personagens retratados no diário encontrado está Farida, mulher que habita um navio abandonado. Ao contar sua história para Kindzu, descobre-se que Farida é uma mulher feita de perdas. Assim que nasceu, Farida, aparentemente, perdeu sua irmã gêmea que

morrera de fome, pois, de acordo com a crença, “nascimento de gêmeos é sinal de grande desgraça” (COUTO, 2007, p. 70). Além de sua irmã, ela também perdeu a mãe, que para chamar a chuva, foi colocada num buraco e coberta com água fria. Na cabeceira do buraco, Farida acompanhou a sua mãe, até que adormeceu. Quando acordou, a mãe não estava mais lá, e “Desde então, a infância de Farida ficou órfã. Ela cresceu, acarinhada por si mesma, na infinita espera de sua mãe.” (COUTO, 2007, p. 73).

Farida foge daquela terra e é encontrada por um casal de portugueses: Virgínia e João Romão Pinto, por quem é criada. Depois de algum tempo, Farida vai embora, vivendo alguns anos num convento. Ao voltar à casa de Virgínia, Farida é violada por Romão e acaba por ser mãe do mulato Gaspar. Ao sofrer as consequências da colonização em seu corpo, Farida decide abandonar a criança numa igreja. Todas essas perdas e violências despertam na mulher o desejo de fuga, o que a motiva a habitar o barco e viver no mar. “Desde então ela queria cumprir um sonho antigo: sair dali, viajar para uma terra que ficasse longe de todos os lugares.” (COUTO, 2007, p. 82).

Kindzu ouve a história de Farida e se apaixona por ela. Esses dois personagens, de maneiras distintas, são vítimas da guerra, e por isso são tomados pelo desejo de fuga. Mas existem entre eles diferenças, como ressaltado por Kindzu:

[...] nós dois estávamos divididos entre dois mundos. A nossa memória se povoava de fantasmas da nossa aldeia. Esses fantasmas nos falavam em nossas línguas indígenas. Mas nós já só sabíamos sonhar em português. [...]. Ambos queríamos partir. Ela queria sair para um novo mundo, eu queria desembarcar numa outra vida. Farida queria sair de África, eu queria encontrar um outro continente dentro de África. (COUTO, 2007, p. 92-93).

Enquanto Farida quer ir embora para outro continente para fugir da guerra, Kindzu não pretende deixar a África. Os conflitos externos são internalizados pelos personagens, despertando neles o desejo de empreender fuga, embora não fosse possível abandonar aquilo que dentro deles estava. Pouco antes da partida de Kindzu, Farida afirma: “- [a guerra] Pode acabar no país Kindzu. Mas para nós, dentro de nós essa guerra nunca mais vai terminar.” (COUTO, 2007, p. 104). Desamparados, esses personagens não se identificam com suas terras de origem, posto que estas se encontram em constante estado de guerra.

Farida pede a Kindzu que procure por seu filho e tal busca, além de ser relatada em seu diário, o faz retornar para o caminho que tomou quando saiu de sua aldeia: o caminho da guerra. Importante destacar que o filho abandonado por Farida também parte à procura de seus laços, e para tanto conta com a ajuda de um mais velho – Tuahir, apesar de ajudar o ‘miúdo’, lhe mostra como a guerra pode ser cruel: “vou lhe contar uma coisa, seus pais não lhe vão querer ver nem vivo [...] em tempos de guerra filhos são um peso que trapalha maningue” (COUTO, 2007, p. 12).

Diferentemente do que pensa Tuahir, temos o posicionamento de determinados personagens de *O alegre canto da perdiz*, sendo um exemplo o caso de Delfina – uma negra linda, que amava os brancos e que queria ser branca. Num primeiro momento, Delfina viu na assimilação um meio de mudar de vida, posteriormente os filhos é que passam a ser este meio. Para ela, a mulata Jacinta, filha de Delfina com o branco Soares, era o meio de branquear a raça e de fazer com que nunca faltasse o pão. Segundo Serafina, mãe de Delfina, os filhos mulatos “nunca são presos nem maltratados, são livres, andam à solta [...]. Felizes as mulheres que geram filhos de peles claras porque jamais serão deportados” (CHIZIANE, 2008, p. 97). A filha negra, Maria das Dores, foi moeda de troca para que o feitiço para prender o branco Soares fosse pago, uma vez que os filhos com o negro José dos Montes não tinham valor para a mãe.

Jacinta encontra-se no entre-lugar, nem negra, nem branca – mulata – um meio de ascensão e de manutenção da família que nos leva a repensar o conceito de espaço intersticial formulado por Homi K. Bhabha (1998). Os conceitos de espaço intersticial e entre-lugar surgiram para que fossem abandonadas as oposições binárias, em que destacamos a oposição branco/negro. Em *O alegre canto da perdiz*, há toda uma discussão sobre o surgimento de uma “nova raça” e sobre o que se nomeou, sobretudo no ocidente, de teoria do branqueamento.

O indiano Surendra Valá, personagem de *Terra sonâmbula*, é também um exemplo de não-lugar, por ser indiano – um monhé. O próprio Kindzu o afirmava: “Com o indiano minha alma arriscava se mulatar, em mestiçagem de *baixa qualidade*” (COUTO, 2007, p. 25; grifo nosso) e o indiano também sabia que não tinha lugar: “Que pátria, Kindzu? Eu não tenho lugar nenhum. Ter pátria é assim como você está fazer agora, saber que vale a pena chorar.” (COUTO, 2007, p. 28).

O conceito de entre-lugar é importante quando abordamos questões relativas à hibridização, mas a utilização como acontece, anula toda violência que há por trás deste processo. Tomar a hibridização cultural a partir do entrelaçamento de culturas pressupõe pensar em algo “pacífico”, porém, antes de pensarmos em entrelaçamento, em que os fios são tecidos de modo a formarem uma malha multicultural, é melhor pensarmos em atravessamento. Neste encontro, o punhal atravessa o corpo e ali deixa uma cicatriz – uma marca de que houve um contato que deixou vestígios, e que passa a fazer parte do corpo.

Assim é Jacinta, cuja pele marca esse entre-lugar, que pode ser visto, também, como um não-lugar: em uma das cenas, Jacinta é rejeitada pelo pai branco, quando é visto por seus amigos com a filha mulata. Em outro momento, teve o avô negro chicoteado, pois o viram passeando com uma criança “branca”, o que levantava suspeitas de que ele poderia estar a fazer algo ilegal com ela. Toda essa situação gerava na menina mulata muitos questionamentos:

[...] a princípio, Jacinta não sabia que tinha raça. [...] Diante dos pretos chamavam-lhe branca. E não queriam brincar com ela. Afastavam-na, falavam mal da mãe e diziam nomes feios. Diante dos brancos chamavam-lhe preta. Também corriam com ela, falavam mal da mãe e chamavam-lhe nomes feios. Um dilema que crescia na sua cabecinha: afinal de contas qual é o meu lugar? Porque é que tenho que me ficar entre as duas raças? Será que tenho que criar um mundo meu, diferente, marginal, só com indivíduos da minha raça? (CHIZIANE, 2008, p. 246-247).

Para Maria das Dores a cor da pele também era um estigma e após ter a virgindade dada como pagamento ao feiticeiro pela própria mãe, após ter sido usada pelo marido, após gerar filhos, a fuga tornou-se uma saída. A fuga, segundo a personagem, lhe causava vergonha por não ter tido força suficiente para suportar um lar e aceitar seu destino – papel da mulher na sociedade representada. Neste processo, além de perder os filhos que levava com ela, perdeu-se a si própria, já que, aparentemente, enlouquecera. A profecia dita pelo avô de que Maria caminharia por vales, por montanhas, pela terra inteira se cumpriu e a marca do nome também, pois “Maria das Dores é um nome belíssimo, mas triste. Reflete o cotidiano das mulheres e dos negros” (CHIZIANE, 2008, p. 16).

Franz Fanon, em “Racismo e cultura”, aborda questões referentes à alienação, que pode, por nós, ser entendida tanto como perda da razão e loucura, como postula a psicopatologia, ou como ato de transferir para alguém uma propriedade ou um direito. Com relação ao colonialismo, a alienação equipara-se à assimilação, já que neste processo, através de uma simples assinatura, abandona-se uma origem e passa-se a fazer parte de um grupo assimilado ao regime colonial:

[...] tendo julgado, condenado, abandonado as suas formas culturais, a sua linguagem, a sua alimentação, os seus procedimentos sexuais, a sua maneira de sentar-se, de repousar, de rir, de divertir-se, o oprimido, com a energia e tenacidade do náufrago, arremessa-se sobre a cultura imposta. (FANON, 2011, p. 280).

A política da assimilação elevava o “condenado” ao posto de contratado, mas o que se assimilava não passava de cidadão de segunda classe, sobretudo por haver o desejo de serem mantidas as diferenças. Se o assimilado equipara-se ao colonizador, quais fatores poderiam ser empregados para que este dominasse e subjugassem aquele? São concedidos direitos, mas estes vão, segundo Fanon, até onde o poder imperialista decide e libera. O colonizado nunca alcançaria mais do que o concedido pelo dominador.

Após uma jornada de muitos anos, após Delfina perder tudo, após sua filha Jacinta a renegar, após Maria das Dores fugir e se refugiar em sua “loucura”, após José dos Montes se fazer esquecer para apagar o remorso e após tantos outros personagens saírem à procura de si próprios e dos seus, palmilhando o solo até aos confins da terra, todos se encontram no ponto de partida – nos montes Namuli – onde tudo começou e onde tudo terminará, pois “o mundo é redondo” (CHIZIANE, 2008, p. 327). Desse modo, as escolhas feitas no passado são questionadas, havendo, portanto, o retorno à lucidez apontada por Fanon:

Descobrimo a inutilidade da sua alienação, a profundidade do seu despojamento, o inferiorizado, depois dessa fase de desculturação, de estranhamento, volta a encontrar as suas posições originais. O inferiorizado retoma apaixonadamente essa cultura abandonada, rejeitada, desprezada. Há nitidamente uma sobrevalorização que se assemelha psicologicamente ao desejo de se fazer perdoar. (FANON, 2008, p. 282).

Ao se encontrarem e ao encontrarem os outros, eis que surgem muitas respostas e o desejo de retornar as suas posições originais, pois José dos Montes e Delfina, por se sentirem culpados por todo o ocorrido, começam a sonhar com a paz. De maneira irônica, a obra de Chiziane é concluída com um falso otimismo, uma vez que, com a independência, “a morte e o luto desocuparam a terra, no ar governam os alegres cantos das perdizes, gurué, gurué! A escravatura acabou e não voltará nunca mais! Somos independentes. Vencemos o colonialismo. O palmar também viverá. Vencerá!” (CHIZIANE, 2008, p. 331). No entanto, o colonialismo muda de posição, abandonando a figura do homem branco para se situar no comportamento e pensamento dos sujeitos colonizados:

Trinta anos de independência e as coisas voltam para trás. Os filhos dos assimilados ressurgem violentos e ostentam ao mundo o orgulho da sua casta. O colonialismo já não é estrangeiro, tornou-se negro, mudou de sexo e tornou-se mulher. Vive no útero das mulheres, nas trompas das mulheres e o sexo delas se transformou em ratoeira para o homem branco.

- Neste aspecto, Delfina, foste pioneira. A Zambézia inteira devia erguer monumento a mulheres como tu, que deram a sua vida e o seu sangue para o nascimento desta nova nação. (CHIZIANE, 2008, p. 332).

Em *Terra sonâmbula* é esta guerra civil que Tuahir afirma a Muidinga que acabará: “Que a nossa terra se ia aquietar, todos se familiariam, moçambicanos. E nos visitaríamos, como nos tempos, roendo os caminhos sem nunca mais termos medo.” (COUTO, 2007, p. 67). E como numa espécie de círculo vicioso, as disputas se repetem, mas com protagonistas distintos: “não vês que essa gente também é filha da guerra? Quando vencerem ficam iguais aos outros. Vão querer dividir as vantagens com os outros” (COUTO, 2007, p. 93) – uma alusão às disputas do pós-colonialismo e mesmo ao neocolonialismo presente nas ex-colônias africanas.

Nos romances de Mia Couto e de Paulina Chiziane, os personagens são desterritorializados, isto é, estão em constante movimento, obrigados pelas circunstâncias a abandonar o território. Nas obras, a desterritorialização se manifesta no desejo dos personagens de fugirem do território marcado pela guerra e de acordo com Deleuze e Guattari, a desterritorialização é “a operação de linha de fuga” (DELEUZE;

GUATTARI, 2012, p. 238). Ao tentarem romper com os laços que os prendem ao território nacional, os personagens transformam-se em exilados em suas próprias terras.

Edward Said tece importantes considerações sobre o exílio e afirma que “o exílio é fundamentalmente um estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado.” (SAID, 2003, p. 49). Ao diferenciar os termos exilados, refugiados, expatriados e emigrados, o autor afirma que

[...] o exilado sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias. Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem se tornar prisões e são, com frequência, defendidas para além da razão ou da necessidade. O exilado atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência. (SAID, 2003, p. 57).

Assim, há a possibilidade de o exílio ser uma imposição ou mesmo uma decisão pessoal, como acontece em *O alegre canto da perdiz*, em que determinados personagens não se exilam apenas em decorrência da guerra colonial, mas se exilam, principalmente, de si próprios, em decorrência dos conflitos interiores vividos por alguns deles com relação às escolhas e decisões tomadas, não apenas para saírem imunes de toda situação de guerra colonial, mas também para ascenderem socialmente.

É o que acontece com Delfina e José dos Montes, já que se tornam assimilados para obterem determinados direitos e, nesse processo, José assume como ofício o posto de sipaio, passando a defender do lado dos colonos, lado este que, segundo o próprio personagem, era o lado errado da guerra. Mas, para o personagem que não tinha perspectiva nenhuma, “a assimilação era o único caminho para a sobrevivência” (CHIZIANE, 2008, p. 117), mesmo que isso significasse abandonar suas tradições para se tornar um cidadão de segunda classe.

José dos Montes, depois de matar muitos dos seus, ao lado dos portugueses, e de ter a certeza de que não se pode mudar de raça ou de natureza apenas por um juramento e por uma assinatura, encontra na fuga uma saída e para tanto, lança-se ao mar e mais tarde penetra em uma mudez para se fazer esquecer.

O mar também é o caminho escolhido por Kindzu, para não deixar pegadas por onde passasse em *Terra sonâmbula*. “Nenhum rio separa, antes costura os destinos dos viventes” (COUTO, 2007, p. 87), então, lançar-se ao mar, ainda que para fugir de determinado espaço, poderia levar a outro lugar gerando uma nova história, como

acontece com o encontro de Farida e Kindzu, que possuem muito em comum, e com o próprio José, que renasce para uma nova vida e nova história. Ao consistir como um espaço “sem fronteiras”, o mar aparece nos dois romances como metáfora do entre-lugar, uma vez que é o local escolhido pelos personagens que fogem da guerra, aparecendo como um contraste com a terra permeada pelos conflitos. Em determinado momento, o velho nganga da aldeia de Kindzu, quando procurado por ele, afirma que “o mar será tua cura, continuou o velho. A terra está carregada de leis, mandos e desmandos. O mar não tem governador. [...]” (COUTO, 2007, p. 32), o que contribui para a escolha do personagem por empreender sua fuga pelas águas.

Já no início de *Terra sonâmbula*, após uma descrição do espaço devastado pela guerra civil, temos o trecho que desde então nos leva a pensar se realmente haverá uma saída / um final melhor que o começo: “o velho e o miúdo [...] fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. Vão na *ilusão* de, mais além, haver um refúgio tranquilo” (COUTO, 2007, p. 9. Grifo nosso). Partem à procura dos pais de Muidinga.

Talvez esta mesma ilusão de busca por um refúgio tenha perpassado os pensamentos de Kindzu, que decidiu partir. Mas, como ressalta em seu diário, ao abandonar a terra e as tradições, ele estava sujeito aos castigos dos antepassados, mesmo que tenha decidido partir para defender sua terra, lutando ao lado dos guerreiros naparamas, isto é, guerreiros nativos que lutam pela sua localidade. Se José dos Montes, de *O alegre canto da perdiz*, segundo ele próprio, lutou do lado errado da guerra, e Kindzu, em *Terra sonâmbula*, optou por lutar ao lado dos da terra, em ambas as obras há a ideia de que a defesa da tradição era o lado exato da batalha, ainda que, por serem duas obras de diferentes escritores, se tratasse de guerras distintas. Foi um sujeito mais velho de sua aldeia que mostrou a Kindzu que os fatos não são tão simples quanto parecem: “meu filho, os bandos tem serviço de matar. Os soldados tem serviço de não morrer. Nós somos o chão de uns e o tapete dos outros” (COUTO, 2007, p. 30), assim, Kindzu não tinha lugar na luta pela terra.

De acordo com nganga, em toda fuga / procura, o problema não é o lugar para onde se vai, mas o caminho pelo qual se segue, havendo duas maneiras de partir – ir embora ou enlouquecer. A loucura de Maria das Dores não passava de um esquecimento em decorrência de tudo o que a ela aconteceu. Como não se lembrava de seu passado, como não contava sua história às mulheres que lhe inquiriam, como profanava o lugar

sagrado dos homens com sua nudez, fora chamada de louca por mulheres que ela sim considerava que estavam acometidas pela loucura.

Na impossibilidade de ir embora, Virgínia de *Terra sonâmbula*, a portuguesa que acolheu Farida, encontra na loucura uma possibilidade. Esquecer-se de si própria para que os outros não dessem conta dela, embora seu real desejo fosse o de realmente partir para Portugal e abandonar a terra devastada pela guerra, já que alimentava lembranças que nunca houve, escrevendo cartas fictícias e montando colagens com fotografias a fim de criar encontros nunca realizados - “a vida finge, a velha faz conta. No final, as duas se escapam, fugidias, ela e a vida” (COUTO, 2007, p. 158). A loucura fingida foi a saída encontrada pela portuguesa, pois “a dita loucura dela era seu refúgio mais seguro” (COUTO, 2007, p. 170).

A procura e a fuga são possibilidades para os que não encontram a si próprios nos espaços em que estão ou nos postos que ocupam, embora a partida não signifique, necessariamente, que algo ou alguém será encontrado. Apesar desta incerteza, temos nas obras *Terra sonâmbula* e *O alegre canto da perdiz* exemplos de personagens que viram na fuga um meio para escapar de toda uma realidade sufocante e assustadora, bem como viram na procura dos que estavam longe a possibilidade de religar os laços outrora rompidos. Muitas vezes, buscar ou fugir de algo implica em conhecer que determinadas fronteiras precisam ser rompidas e descobertas realizadas: “Descobriu que a terra era um lugar imenso, muito maior do que o olhar dos mortais. Que o horizonte se renova à medida que se alcança. Que o ponto de chegada é sempre um ponto de partida. Que a dor torna o homem mais duro, que a saudade não mata, apenas fere” (CHIZIANE, 2008, p. 69).

Referências

- BHABHA, H. K. Interrogando identidades; Frantz Fanon e a prerrogativa pós-colonial. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- CHIZIANE, P. **O alegre canto da perdiz**. Lisboa, 2008.
- COUTO, M. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2012.
- FANON, F. Racismo e cultura. In: SANCHES, M. R. **Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais**. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 273-285.

MATA, I. A crítica africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência?
Revista O Marrare. Rio de Janeiro, n.8, p.20-34, jan/jun. 2008.

SAID, E. Reflexões sobre o exílio. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46 - 60.